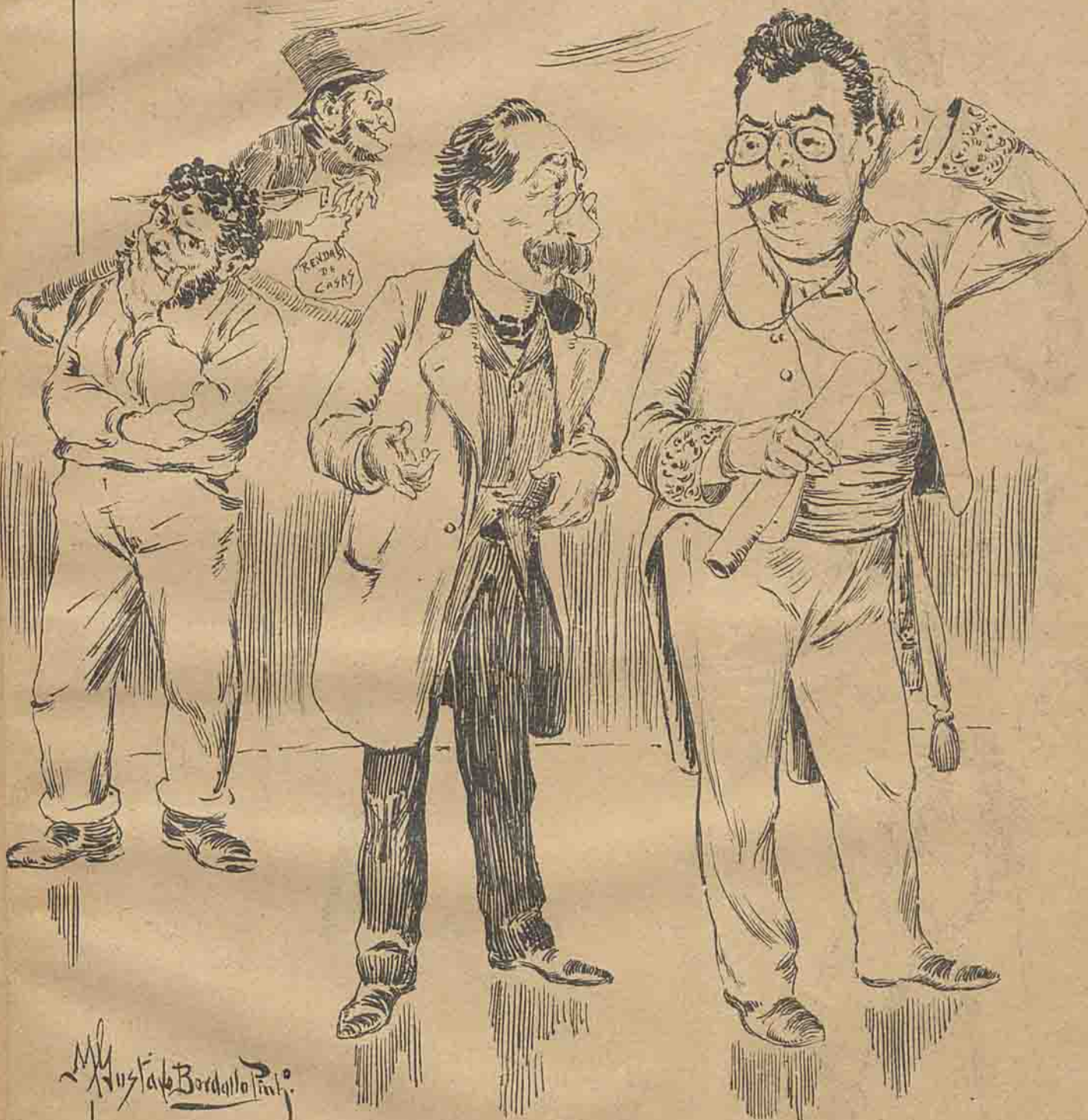


UMA IDEIA LUMINOSA



Augusto Bordallo Pinheiro

Presidente da camara: — Na minha opinião o imposto deve reverter em proveito do municipio, que está muito precisadinho...

Presidente do conselho: — Tenho uma ideia luminosa que a todos satisfaz: a camara lança o imposto; o governo recebe-o e o povo paga-o!...

Zé Povinho: — Logo vi que algum de nós havia de ser comido: eu, ou o Palha. Comeu-me a mim... É eu que coma palha.

THEATRO DE D. MARIA

SURPREZAS DO DIVORCIO



Uma comedia deliciosa com um desempenho magistral. Todos primorosamente e Carolina Falco excedendo a todos. Verdadeiramente encantadora no seu papel de sogra. Ora dizer que uma sogra é encantadora parece-nos o melhor elogio que se pôde fazer a uma artista.

Por ahí...



Estamos na epocha dos regressos.

Ha duas semanas regressou sua magestade a rainha; na semana decorrida regressou o inverno.

E dizemos *regressou*, porque na verdade este inverno, que começa a salpicar-nos as calças de lama e os joanetes de reumatismo, não é nenhuma novidade de estação: é o mesmo inverno do anno passado, que

se prolongou por todo o anno corrente, dando-nos apenas, em honra de S. Martinho, uma pequena tregua de sol ridente e céu azul, e voltando agora a enchear-nos de chuva os chapéus de dita, que ainda estavam ali ao canto, mal escorridos das ultimas aguadas.

Chega uma pessoa a acreditar que a Providencia ainda feita nos interesses com o 92 da rua Nova do Almada!

Que o inverno, afinal, é melhor de que o verão—pelo menos na opinião da maioria, embora adversa ao juizo do bom senso.

E como nas estações officiaes da politica a maioria é que prevalece sempre ao bom senso, não ha razão para que nas estações officiaes do calendario não succeda a mesma coisa.

Diz a maioria que para o calor não ha recurso nem nos sorvetes vermelhos do Martinho nem nas sombras esverdeadas dos Setiaes, ao passo que, para o frio se multiplicam os antidotos, desde a brazeira confortavel que não deixa arrefecer os pés, até o punche de rhum e frança que põe a cabeça em ebolição.

Seja assim, pois que a maioria o quer, e com ella então nos felicitamos porque o verão do corrente anno, em vez de ter sido um substantivo masculino (verão) fosse antes um verbo irregular na terceira pessoa do plural do futuro absoluto (verão).

—Verão... verão... verão... E afinal não vimos verão nenhum!

Como na historia do —amanhã jejua o preto...

Fallámos da opinião da maioria. Claro que nos referimos á maioria que tem a palavra—por ter brasciras e puncheiras.

A outra, a maioria que não tem nem uma acha de lenha para se aquecer por fóra, nem um dedal de giripiti para se esquentar por dentro, essa não tem a palavra e, como tal, não lhe pôde ser conferido o direito de opinião.

N'isto diverge, essa maioria, da maioria parlamentar, onde a qualquer basta levantar-se ou sentar-se para que logo se lhe conte o voto, como se emittira e o justificara n'um discurso de légua e meia...

Cá na vida commum, esta outra maioria pode levantar-se e sentar-se quantas vezes quizer, pode mesmo grunhir, á laia de quem quer dizer alguma coisa, que ninguem lhe liga importancia...

Pois se lhe contassem o voto veriam como numericamente elle se avantajava ao da tal maioria que prefere o frio do inverno—com brazeiros—ao calor do verão—com carapinhadas.

Se essa maioria tivesse a palavra, ouvir-lhe-hiam como o inverno é dolorosissimo para o pobre, que esmola cosido com a parede, descalço de pé e perna, com os ossos gelados como a agua que lhe anda pelos artilhos, vendo passar no meio da rua o coupé bem calafetado, em cuja almofada se espeta o cocheiro vermelho, todo envolto em ricas pelles—aquellas pelles que conchegam tão bem quem os possui e que, vistas de longe, parece que ainda fazem mais frio aos que as não tem.

Ouvir-lhe-hiam como é triste e como é duro estender por dezenas de vezes inutilmente a mão aos que passam atarefados da sua vida, acossados pela chuva, batidos pelo vento, inquisitados com a lama, e que nem para cumprirem um decreto quanto mais para darem uma esmola parariam no meio da rua e desabotoariam o sobretudo para sacarem da algibeira das calças os dezréisinhos do quarto de pão que mata a fome aos pobres.

Aos pobres?

Mas quaes pobres?!

Por ventura os senhores veem por ahí algum pobre?...

Isso sim!

Esses sugeitos que nós por ahí encontramos esfarrapados e macilentos nunca foram pobres na sua vida.

Aquillo é fingido...

São uns amadores da mendicidade, uns *sporteman* da miseria, uns *dilellanti* da indigencia, que andam por ahí a enganar os incautos—talvez para que os estrangeiros se presuadam de que nós temos de tudo: ate pobreza!

Pois não temos tal!

E' talvez a unica coisa que nos falta, mas essa não temos remedio senão confessar que effectivamente nos falta.

Agora pobres!

Pobres n'um paiz onde a familia real viaja á larga pelo estrangeiro, fazendo compras que causam o assombro de Paris—o mesmo Paris onde os principes russos possuidores de mil aldeias se arruinam sem ninguem dar por semelhante coisa, que é assim como quem diz se tivessem comprado cinco réis de pevides... —

E tudo aquillo exclusivamente á custa do seu bolsinho particular, sem que o thesoiro entrasse para ali nem com uma apara de cinco réis, o que prova á sociedade como os nossos monarchas são umas pessoas pobres de ricas.

Agora pobres!

Pobres n'uma terra onde os governos todos os annos levantam a taxa das contribuições e onde o povo todos os annos vac votar n'esses mesmos governos, como quem mette requerimento tacito para mais um augmentosinho no anno que hade vir.

Agora pobres!

Mas vejam o movimento enorme que vac por essas ruas; attentem nas toilettes carissimas com que o ma-

NA RECEBEDORIA



RAPHAEL BARBOSA PINHEIRO

RECEBEDOR: — Tem de pagar a contribuição sumptuaria.

ZÉ POVINHO: — Sumptuaria?! .. sumptuaria de quê?! ..

RECEBEDOR: — Ora essa! de trazer ossos! E' um luxo como outro qualquer. . .

O QUE É—É!...



JAPHAEL DOMINGOS PINHEIRO

--Meu folgo nem dá um grito
E apitar mesmo não pode!...
Tambem, de que serve o apito
Se apito e ninguem me accode?...

damismo sae á estacada n'esta formosa liça de trapagens espavorosas; reparem nos theatros, todas as noites cheios até á porta, alguns vendendo os bilhetes pelo duplo e pelo triplo do que valem; notem essa febre de divertimentos que para ahí va; leiam esses *high-lifes*, onde todos os dias vem a relação de dois novos bailes em casa de dois viscondes ainda mais novos; observem essas continuas demolições, onde o cmartello do progresso arrasa a cada hora duzias e duzias de casebres humilissimos, para que se ergam em seu lugar construcções apalaçadas de renda annual para mais de quatro punhados de libras!

E depois de verem, attentarem, repararem, notarem, lerem e observarem tudo isso e em tudo isso, façam favor de nos dizer onde é que estão os taes pobres de que nós ás vezes nos gabamos.

—Gabarolas!

×

Em regra está evidenciado que vivemos n'um paiz de millionarios; que todos nós, collectiva e individualmente, somos uns Monteiros Milhões em corpo, alma, acções de bancos e propriedades rusticas e urbanas, e que só a uma pyrronice extravagante se deve recusarmos nós pagar essa meia duzia de patacos que uns jenerosos estrangeiros emprestaram ao sr. D. Miguel I, e com os quacs patacos se compraram as ultimas gravatas de canhamo que enfeitaram no pelourinho os pescoços de alguns dos nossos gloriosos avoengos!

×

Como excepção d'essa regra — e portanto a justificação, que para outra coisa se não inventaram as excepções — temos nós a camara municipal de Lisboa, unica entidade que, n'este paiz de Seixas do Rocio, nos está saindo Belisario da ultima hora.

Essa sim! Essa está pobre deveras. Tão pobre que tem de andar a pedir pelo amor de Deus ao presidente que a não abandone; tão pobre que se vê constrangida a solicitar do presidente do conselho (outro presidente) o obulo da caridade, sem o qual terá de riscar dos seus orçamentos as avenidas, os bombeiros, as regas, os rescuscamentos, os talhos ambulantes e os professores de instrucção primaria!

E o resumo: fica-lhe apenas o presidente — que saiu! Pobre camara!

E agora, em chegando janeiro, quando acabar o contracto com a velha companhia do gaz e não estando a canalisação da nova companhia ainda em estado de funcionar, como hade ella illuminar a cidade, se não tem cinco réis para mercar um côto de stearina?

Succeder-lhe-ha fatalmente como aconteceu áquelle frade do conto, o qual frade, por não ter dinheiro, se viu obrigado a fazer candieiro d'uma coisa que nem para palmatoria deve ter lá grande prestimo...

Assim pois a camara,
Chegando janeiro,
Tal qual como o frade
Não tendo dinheiro,
Fará resignada
Do ... tal, candieiro!...



Politica em bolandas



São em geral muito curiosos os processos empregados pelos nossos politicos na campanha da ascenção ao poder.

Como amostra, aqui têm os leitores um trecho de fonte regeneradora, dirigido aos

progressistas e naturalmente no proposito de os mal-sinar com a pessoa do monarcha:

«...depois das calumnias de 1878, estiveram no poder, conheceram de perto o viver do Paço, lidaram com Sua Magestade, vieram nos seus jornaes como hoje render homenagem á sua probidade inconcussa, o que os não impediu em 1882 e em 1883 de levantarem de novo da lama a arma torpe da calumnia, e voltarem a dirigir ao rei os mesmos doestos e as mesmas accusações miseraveis de que o defenderam enquanto estiveram, como agora na ante-camara da Ajuda.»

Se não se dissesse que isto é um trecho d'um artigo regenerador, toda a gente ficaria persuadida ao lê-lo de que andava ali a penna de algum dos mais habeis progressistas, no empenho de conquistar as boas graças do monarcha para o partido dos correligionarios.

Senão vejamos:

O leitor tem a infelicidade de cahir no desagradado d'um sujeito, um brutamontes de marca, o qual, todas as vezes que encontra o leitor a geito, atira-se a s. ex. como gato a bofe, pondo-lhe os ossos em queijo, o chapéu n'um figo e a cara n'um bolo—uma sobremesa completa.

O leitor, com medo do homem, toma-o um bello dia para o seu serviço, e, desde que o toma, o brutamontes transforma-se immediatamente na mais amavel das pombas brancas, cheio de meiguices carinhosas como afagos de mulher e de beijinhos confortativos como rebuçados de Santa Cruz.

Mas o leitor põe d'ahi a tempos o homem no meio da rua, e elle, mal se acha despedido, desata n'uma segunda edição correcta e augmentada de bofetadas, pontapés, soccos, biscoitos, murros e chulipas.

O leitor, com o canastro quasi desconjunctado, torna a admittir o homem ao seu serviço e, desde essa data, volta novamente o quartel general em Abrantes dos beijinhos confortativos como dantes.

E' evidente que, se o leitor não tiver uma abobora no sitio onde o resto da humanidade costuma trazer a cachimonia, nunca mais se atreverá a despedir o homem do seu serviço e muito menos quando vierem lembrar-lhe as tarefas apanhadas e portanto a tarefa que o espera no dia em que novamente se lembrar de pôr outra vez com dono o tal brutamontes das sovas mestras...

Portanto, o trecho regenerador que acima transcrevemos affigura-se-nos a melhor das recommendações que os mesmos progressistas podiam fazer ao monarcha no empenho de se conservarem ao seu serviço.

E senão, elle que o diga...



OS SENHORIOS



Anna da Purificação Rodrigues, dona do predio nu-
meros 27 a 33 da calçada do Galvão.



Gertrudes Clara Abrunhosa, dona das barracas nu-
meros 8 a 16 da calçada Nova do Convento Novo do
Coração de Jesus.



Policarpo dos Santos Malheira, dono do predio nu-
meros 2 a 4 da travessa da Trabuqueta.



Augusto Aniceto da Silva Freitas, dono do predio
numeros 527a 533 da rua de S. Bento.



Anacleto Dias d'Oliveira Sabugal, dono do predio
numeros 79 a 81 da rua do Trombeta.



Athanasio Bernardes Costa Nunes dos Reis, dono
do predio numeros 53 a 57 da calçada de Castello
Picão.



José de Soisa Aluizio Dantas, dono dos armazens
numeros 19 a 35, ás Terrenas.

A avidez insaciavel de alguns senhorios inspirou-nos a ideia de publicarmos uma galeria com todos os retratos dos senhorios que levantaram a renda este semestre.

Aqui vão estes, para amostra e seguidamente estamparemos aquelles cujos nomes nos torem indica-
dos por meio de carta ou bilhete postal.

Os inquilinos aggravados que nos dirijam a sua queixa, que nós procuraremos os senhorios e os dare-
mos á estampa mesmo contra sua vontade.

(Continúa.)

O CASO DOS ALMIRANTES



O ministro da marinha mandou um capitão de fragata a commandar a esquadra de Africa por não encontrar sequer um almirante disponível — diz elle, e os almirantes que lh'o agradeçam.

Na opinião pois do sr. ministro, todos os almirantes professam a theoria de «que almirante é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.»